

Infância

Ademar Bogo

Ah! quanta saudade eu sinto
Confesso, é sério, não minto
De minha infância passada
Ela que viveu comigo
Pois juro que não consigo
Riscá-la da longa estrada

Como faz bem recordar
Das noites frias de luar
Que se corria no terreiro
Vendo a lua beijar a mata
Ouvir a voz da cascata
E o cantar do seresteiro.

E a escolinha lá da vila
Quando se entrava em fila
Quem é que não tem saudade?
Da professora sorrindo
O tempo de férias vindo
E da primeira amizade?

Da primeira lição lida
Da boa sacola encardida
E da calça remendada?
Das queimaduras de urtigas
Daquelas ferrenhas brigas
Que eram feitas nas estradas!

Como faz bem reviver
Recordar do amanhecer
O galo sempre a cantar
O leite fresco apoiado
A água ao longe, o lajeado
Na cachoeira a rolar.

As corridas de cavalo
E aquele primeiro calo
As fortes surras de vara!
As comidas da tia Chica
Água bebida na bica
E a ferida que não sara.

Cortar lenha com facão
Jantar à luz de lampião
Dormir no colchão de palha!
Levantar no amanhecer
Avistar o sol nascer
Tirar o pão da fornalha.

Correr e andar de carrinho
Na pastagem do vizinho
Jogar bola e tomar banho!
Caçar, pescar na lagoa
Tomar banho de garoa
Correr atrás do rebanho.

Ver no tempo de verão
O anoitecer no sertão
Pular, cantar e dançar...
O cão latindo no mato
E o primeiro sapato
Que nos deram pra calçar?

Ir rezar na capelinha
E aquela velha blusinha
Vermelhinha desbotada
As briguinhas com o irmão
Comer caju ou pinhão
Correr na terra lavrada?

No natal o presentinho
Ir dormir lá no vizinho
Sonhar com papai noel?
Voltar cedo para casa
“Aquestrar” os pés na brasa
Comer queijo, pão e mel.

Tudo isso foi um dia
Motivo de alegria
E hoje está na distância
Por mais triste que ela venha
Não há ninguém que não tenha
Saudade de sua infância.